

# A BASÍLICA PALEOCRISTÃ DE MÉRTOLA\*

*Santiago Macias\*\**

## INTRODUÇÃO

A basílica paleocristã de Mértola, cuja escavação se iniciou em 1980, constitui um dos primeiros sítios em Portugal onde foi possível, ainda que com fortes limitações, proceder ao estudo de um local de culto de época paleocristã com utilização simultânea como espaço funerário.

A posterior constatação da existência de duas necrópoles (mais antiga a paleocristã, mais recente a referente ao período islâmico) contribuiria também para a reafirmação da originalidade da descoberta e para a abordagem a um conjunto de problemáticas de interesse para a compreensão deste período.

A presença em Mértola de um antigo cemitério cristão foi pela primeira vez alvitada pelo arqueólogo Estácio da Veiga,<sup>1</sup> em 1880. Veiga, que se tinha deslocado a esta vila a fim de inventariar e recolher uma imensa quantidade de vestígios arqueológicos deixados a descoberto pela cheia do Guadiana de Dezembro de 1876, pôde nessa altura realizar uma sumária campanha de prospecções no arrabalde da vila.

A quantidade e qualidade das epígrafes cristãs registadas por Estácio da Veiga e a presença de alguns vestígios arquitectónicos, trazidos à luz do dia durante uma breve campanha de escavações num local conhecido como Rocio do Carmo (fig. 1), não deixaram dúvidas aquele investigador: «não parece, pois, duvidoso ter o templo existido

alli, a pouca distancia da igreja do Carmo, e que dentro e em torno d'elle se faziam os enterramentos».<sup>2</sup> A verificação desta suposição tardaria quase 100 anos, apesar da realização doutras campanhas arqueológicas no local - conduzidas nomeadamente por Leite de Vasconcelos.

Estácio da Veiga registou ainda a existência de algumas lápides funerárias árabes,<sup>3</sup> embora não tenha avançado com nenhuma proposta de localização da *maqbara* de Mértola.

Os trabalhos arqueológicos iniciados em 1978 nesta vila levaram a equipa responsável pela investigação a alargar o campo de trabalho (inicialmente circunscrito à alcaçova do castelo) e tentar pôr a descoberto o templo e o cemitério referenciados por Estácio da Veiga. A escavação levada a cabo desde então no Rossio do Carmo permitiu identificar um apreciável conjunto de estruturas arquitectónicas datáveis da segunda metade do século v d.C., as quais correspondem à antiga basílica paleocristã, junto à qual se encontrava a importante necrópole da cidade (fig. 2). Através da escavação verificou-se ainda que a tradição mortuária da zona se manteve durante o período islâmico, época durante a qual os terrenos em redor da basílica continuaram a ser utilizados como cemitério.

O estudo da basílica e da necrópole encontra-se, neste caso, orientado para dar resposta a problemas como a tipologia arquitectónica do monumento e a sua utilização como espaço funerário entre os séculos v e VIII.

Um conjunto de circunstâncias viria, porém, a condicionar a investigação em torno do achado

\* Trabalho originalmente publicado na obra *Museu de Mértola - basílica paleocristã*, Mértola, CAM, 1993, pp. 31-62.

\*\* Campo Arqueológico de Mértola.

1. VEIGA, 1880, 85-121.

2. VEIGA, 1880, 105.

3. VEIGA, 1880, 150 e 158-159.



Figura 1. Mértola nos finais do século XIX (vista parcial). No centro da imagem vê-se a antiga igreja do Carmo.

arqueológico: a basílica de Mértola sofreu, em época recente e durante décadas a fio, as consequências de sucessivas obras públicas (abertura de novas vias rodoviárias, instalação de redes telefónicas, eléctricas, de infra-estruturas de saneamento etc.) levadas a cabo na zona correspondente à basílica e às necrópoles. Parte substancial da igreja viria, desta forma, a desaparecer, tendo os trabalhos arqueológicos da década passada permitido escavar apenas uma pequena parte da nave central desse local de culto e parte substancial da nave norte. Tais factores limitaram, de forma considerável, um estudo que se desejava bem mais amplo.

Por outro lado, as necrópoles localizavam-se (e em especial a islâmica, mais recente) a pouca distância do superfície actual do Rossio do Carmo. A compressão exercida sobre os esqueletos, acentuada nos últimos anos com a passagem no local de veículos de grande porte, reduziu grandemente a possibilidade de se proceder a um estudo antropológico que abrangesse a totalidade dos corpos inumados naquele local.

De um espaço coberto –conjunto da basílica e do pórtico– que deve, na origem, ter ultrapassado os 500 m<sup>2</sup>, pudémos proceder à análise arqueoló-

gica de aproximadamente 215 m<sup>2</sup> (um pouco menos de 40% do total de todo o edifício). O projecto de musealização do Rossio do Carmo viria, finalmente, a abranger cerca de 100 m<sup>2</sup> de estruturas e pavimentos do antigo espaço litúrgico os quais, apesar de constituírem apenas uma pequena parcela do antigo local de culto, ilustram de forma expressiva a arquitectura deste monumento religioso do período paleocristão.

#### BASÍLICAS DE DUPLA ÁBSIDE

A igreja paleocristã de Mértola inclui-se, tipologicamente, no grupo das basílicas com duas ábsides contrapostas, série para a qual se admite geralmente como segura uma paternidade norte-africana. Essa forma, originária da actual Tunísia, teria chegado à Península Ibérica já completamente formada, não vindo depois a evoluir.<sup>4</sup> As evidentes analogias entre as basílicas peninsulares e as norte-africanas obrigaram também à procura

4. CERRILLO, 1978, 10.

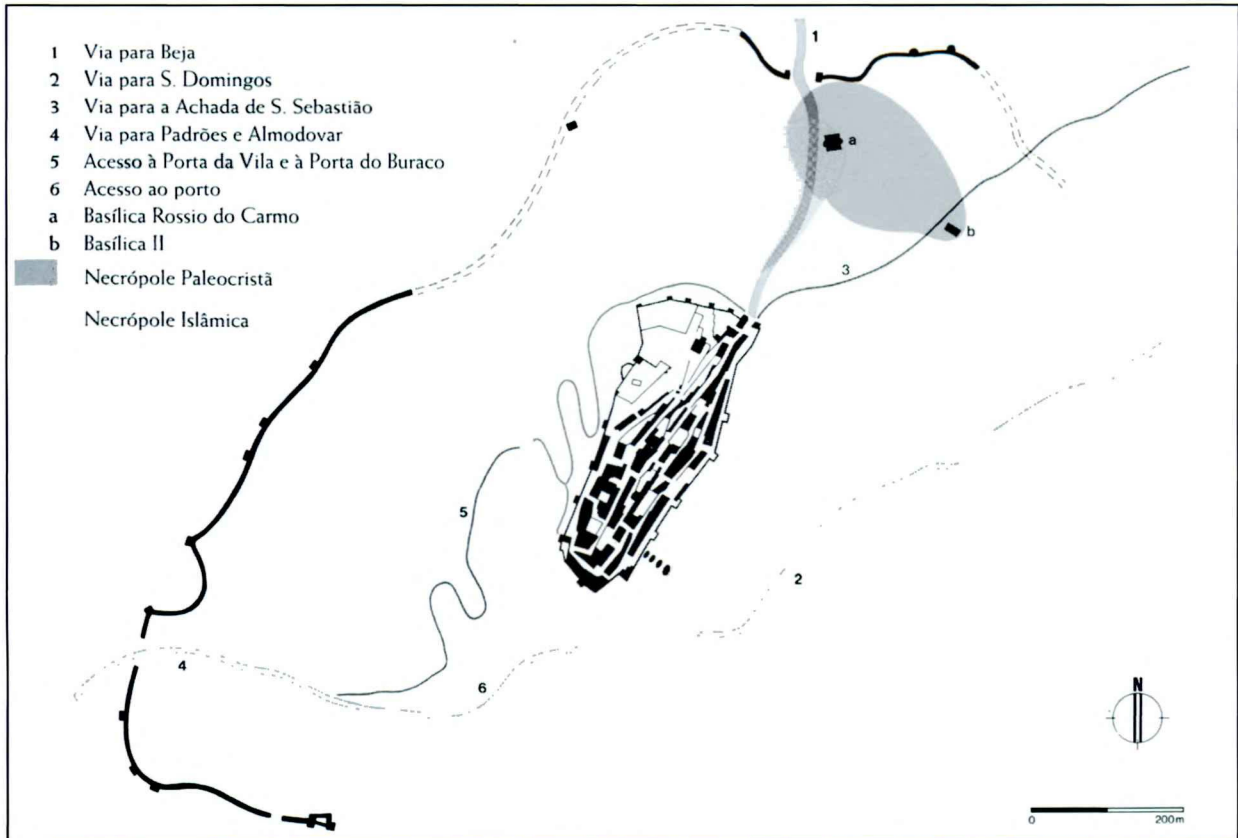


Figura 2.

doutros paralelos entre várias necrópoles desta última região e os cemitérios alto-medievais da Hispânia, numa tentativa de fornecer um contexto mais alargado para a explicação da necrópole paleocristã de Mértola.

Embora essas origens das basílicas de dupla ábside tenham sido algo desvalorizadas por Manuel Sotomayor,<sup>5</sup> parece-nos importante retomar uma argumentação que sublinhe os contactos entre as duas margens do Mediterrâneo.

A proximidade formal entre os templos hispânicos e os tunisinos, bem como os intensos contactos populacionais, comerciais e culturais que se verificam ao longo de toda a Alta Idade Média entre essas duas antigas regiões do Império Romano, justificam que se estude a basílica de Mértola em função desse contactos. Não só parte da antroponímia da necrópole do Rossio do Carmo apresenta importantes paralelismos com a registada em cemitérios norte-africanos, como está comprovada, de forma indubitável, a presença em

Mértola de membros da população originários dessa região.<sup>6</sup>

As basílicas de ábsides contrapostas existentes na Mauretania e na África Proconsular parecem ter, nalguns casos, uma cronologia mais antiga que as peninsulares – a igreja de Rusguniæ terá sido construída nos finais do século IV ou inícios do V, datação próxima da basílica II de Belalis Major<sup>7</sup> embora noutros casos, como em Sbeitla II, se registem datações mais tardias, próximas das que até agora têm sido atribuídas aos templos hispânicos.<sup>8</sup>

Observam-se ainda, nas basílicas africanas, diferenças na época de construção das duas ábsides. Na maioria delas – ao contrário do altar-mor, sempre a Oriente –, a ábside primitiva estava localizada a Oeste tendo, mais tarde, provavelmente em época bizantina (e possivelmente por necessidades litúrgicas) sido acrescentada a ábside Este.

5. SOTOMAYOR, 1982, 11-27.

6. Cf. o estudo de MANUELA ALVES DIAS, 1993, 115.

7. DUVAL, 1973, 23 e 61.

8. DUVAL, 1973, 171.

A «ocidentalização» das basílicas é um fenómeno regional do Norte de África, ainda que menos vulgar na Argélia e muito mais frequente na Tunísia actuais.<sup>9</sup>

Outras basílicas apresentam ábsides mais antigas a Este: Orleansville, construída nos inícios do século IV, e Rusguniæ, do final da mesma centúria. Nestes templos, as contra-ábsides (que datam, no primeiro caso, do século V e, no segundo, já do período bizantino) têm características funerárias nitidamente marcadas.<sup>10</sup>

Algumas dessas primitivas ábsides a oeste podem ter sido implantadas em antigos *martiria* —como na igreja de Candidus, em Haidra—<sup>11</sup> os quais foram depois transformados em local de culto.

No Norte de África, a dupla ábside tem também sido considerada como a síntese entre o exêdros funerário (trata-se de uma régia onde a tradição dos *martiria*, tal como o costume da inumação *ad sanctos*, permanecera fortemente enraizada) e necessidades litúrgicas específicas dessa região.<sup>12</sup>

As características arquitectónicas dos edifícios terão, nalguns casos, sido condicionadas pela própria liturgia. Recorde-se, por exemplo, que na Península Ibérica o altar se localizava dentro da ábside leste, ao passo que no Norte de África se

situava diante desse local ou mais avançado na nave central.<sup>13</sup>

Parece-nos importante sublinhar que esta evolução do ponto de vista arquitectónico é acompanhada de perto por uma outra, no âmbito das mentalidades: o Norte de África parece ter começado mais cedo a manifestar preocupações do ponto de vista da protecção a dar ao corpo após a morte, atitude que só mais tarde se registaria na Península Ibérica.

O final do século IV marcou, no Norte de África, o início do hábito de se proceder aos enterramentos em grandes basílicas erguidas durante esse século nas necrópoles suburbanas sobre o túmulo dos mártires ou junto a estes. As famílias ligadas à hierarquia eclesiástica são, neste contexto, as mais zelosas em assegurar para os seus túmulos esse privilégio.<sup>14</sup>

A inumação no interior destes grandes edifícios permaneceu um privilégio até meados do século V. Durante este período os túmulos comprimem-se sobretudo em volta da igreja, e de preferência junto à ábside para procurar a proximidade do coro e do altar.

A partir de meados do século V, e até aos inícios da islamização, o solo das igrejas suburba-

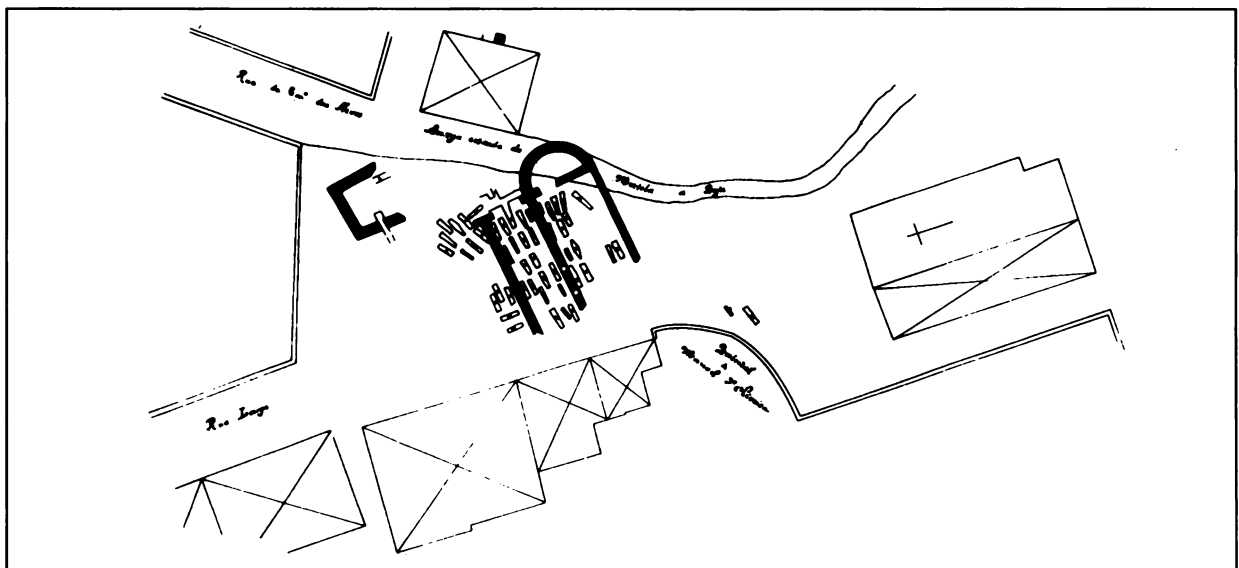


Figura 3.

9. DUVAL, 1982, 176.

10. DUVAL, 1973, 9, 27-28 e 358-359.

11. DUVAL, 1982, 105.

12. DUVAL, 1973, 378-379.

13. FERNÁNDEZ, 1987, 187.

14. DUVAL, 1988, 172.

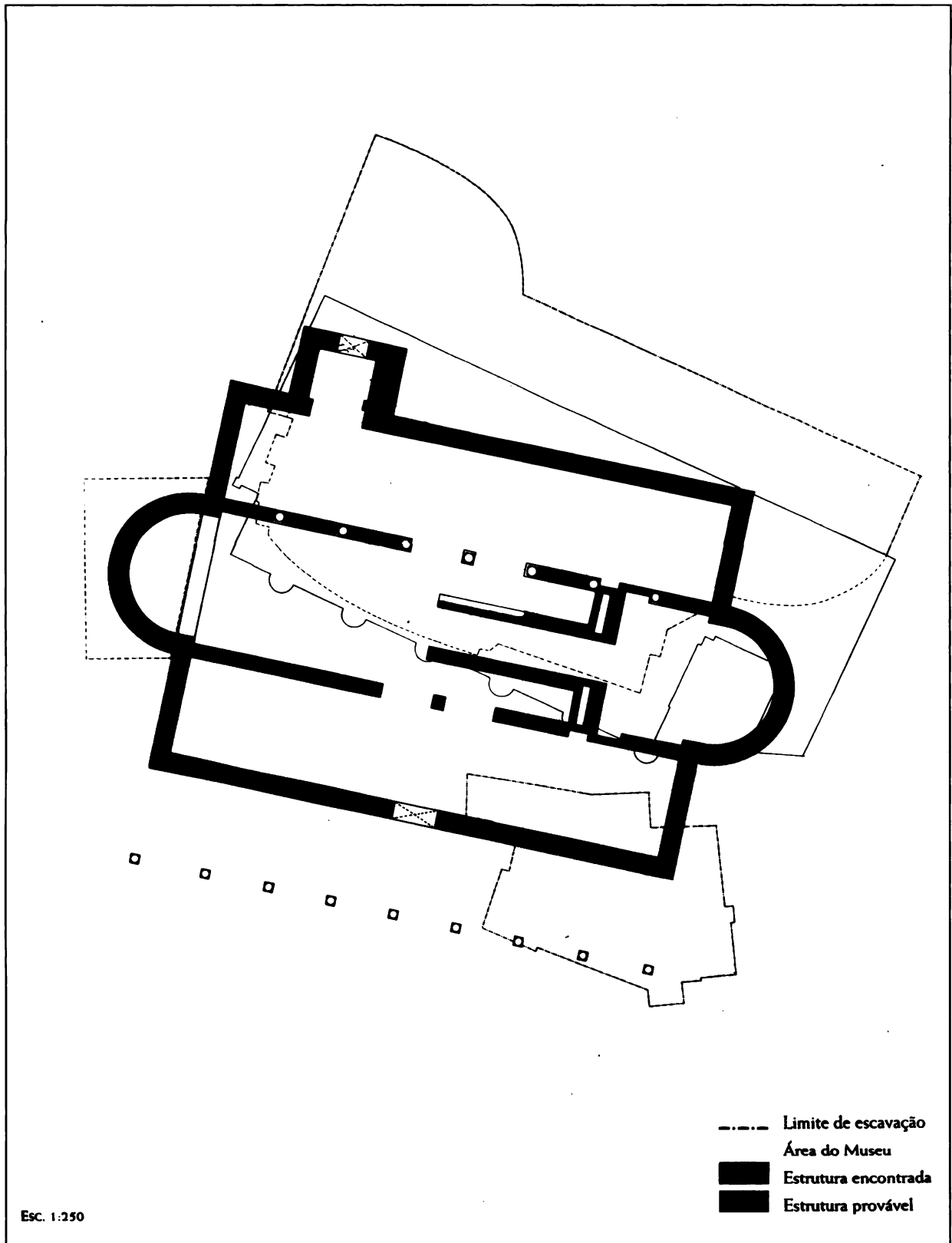


Figura 4.

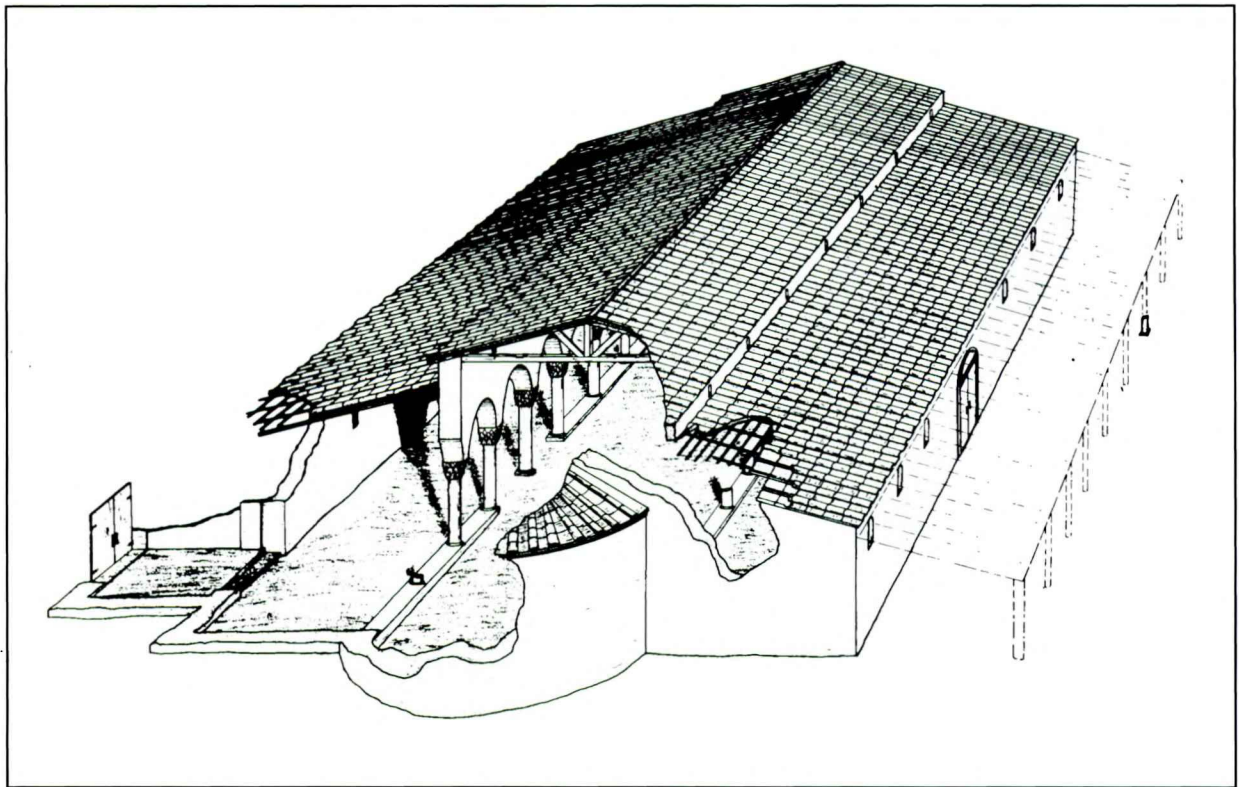


Figura 5.

nas consagradas por corpos ou relíquias foram invadidas pela inumação de simples fiéis, cujos epitáfios, por vezes extremamente modestos, não mencionam quase nunca o local consagrado.<sup>15</sup>

A organização da basílica como espaço cemiterial obedecia certamente a parâmetros bem definidos. A distinção entre zonas de inumação de homens e mulheres parece não existir, prática também verificada no norte de África, onde apenas se regista uma menor concentração de mulheres no coro das igrejas, zona preferida pelos clérigos.<sup>16</sup> A presença de túmulos de clérigos no interior das igrejas –dos quais temos bastantes exemplos na basílica I de Haïdra–<sup>17</sup> é um fenómeno clássico em África embora não se possa afirmar se havia uma selecção entre os candidatos à inumação na igreja. No que se refere a Mértola não nos é possível avaliar com rigor qual o tipo de atitude que prevalecia ou, sequer, se era posto em prática algum tipo de selecção.

### *A basílica de Mértola no contexto dos templos peninsulares*

A basílica de Mértola não pôde, conforme se disse, ser escavada na íntegra. Os trabalhos arqueológicos, parcelares e levados a cabo ao longo de vários anos, permitem-nos ter uma ideia aproximada, e razoavelmente segura, das dimensões do templo e da sua estrutura interna.

A igreja deve ter sido um templo com três naves separadas por colunas, sete tramos e duas ábsides afrontadas cujo extra-dorso se deveria demarcar de forma evidente do corpo da igreja.

A existência de uma dupla ábside em Mértola, que nunca pôde ser arqueologicamente verificada, encontra-se aparentemente comprovada do ponto de vista documental desde 1965,<sup>18</sup> com base num mapa do local desenhado por Estácio da Veiga no século XIX. Essa planta mostrava apenas parcialmente as estruturas da basílica postas a descoberto, bem como um apreciável conjunto de sepulturas (fig. 3). Nesse registo nota-se claramente a presença da ábside poente da basílica; contraposta a

15. DUVAL, 1982a, 513.

16. DUVAL, 1975, 330.

17. DUVAL, 1982, 201.

18. FERREIRA, 1965.



Figura 6.

essa haveria outra a nascente, que nunca foi encontrada, uma vez que o terreno foi cortado, antes do início da escavação, pelos trabalhos de abertura do acesso ao hospital. Embora haja, de facto, casos de basílicas com ábside apenas a Oeste –como a de Alexandre, em Tipasa, ou a basílica I de Haïdra—<sup>19</sup> tal constitui uma característica específica do Norte de África, como vimos. Na Península Ibérica, onde a maior parte dos templos tem apenas uma ábside, esta estrutura situa-se sempre no muro virado a Este.

O grupo da Península Ibérica de basílicas de ábsides afrontadas resume-se, desta forma, a cinco exemplares, das quais três se situam dentro dos limites da Lusitânia (Casa Herrera, Torre de Palma e Mértola), localizando-se as restantes duas em El Germe (Córdova) e Vega del Mar (Málaga). O conhecimento que temos deste pequeno grupo de monumentos é, contudo, algo limitado, uma vez que apenas dois deles foram até agora alvo de escavações completas e de estudos exaustivos: Casa Herrera<sup>20</sup> e Vega del Mar,<sup>21</sup> tendo os restantes sido apenas motivo de curtas notícias em revistas da espe-

19. DUVAL, 1975.

20. CABALLERO, 1975.

21. PEREZ, 1933 e PUERTAS, 1990.

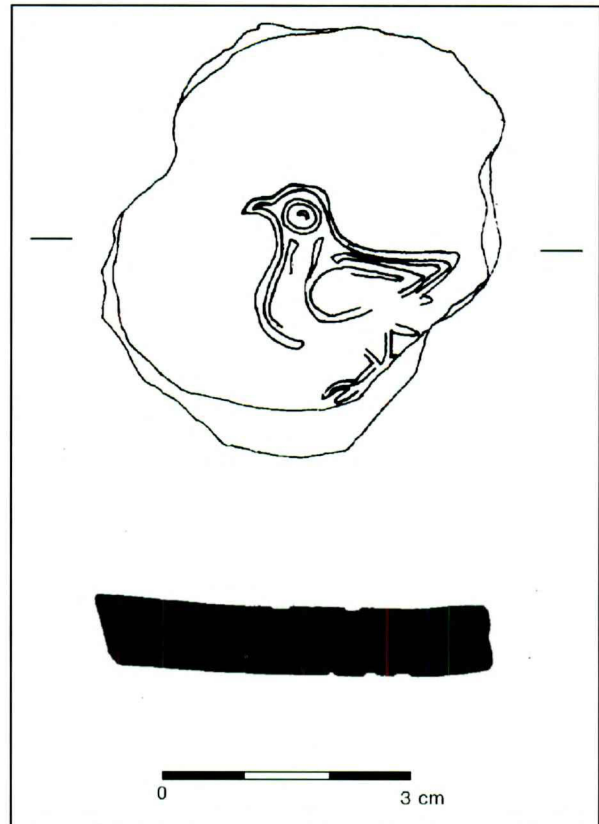


Figura 7.

cialidade ou estando, quando muito, parcialmente estudados.

A tipologia das basílicas de dupla ábside corresponde a princípios muito semelhantes entre si: têm, todas elas, três naves, variando apenas o número de tramos –sete em Torre de Palma e Mértola, cinco em Casa Herrera e seis em El Germe.

Mértola apresenta ainda outra característica –a representação de arcos sobre colunas em seis das suas epígrafes– que a enquadra numa área geográfica e cultural bem definida. Trata-se de um procedimento decorativo do qual apenas temos vestígios na Lusitânia, estando registados paralelos para as nossas peças em Casa Herrera e em Beja. No primeiro caso, esse desenho surge num altar eucarístico do século VI.<sup>22</sup> Na antiga capital conventual, as colunas encimadas por um arco são identificáveis em três lápides funerárias. A mais antiga data de 544 e data o falecimento de um indivíduo chamado Paulus.<sup>23</sup> As outras assinalam as mortes de

22. CABALLERO, 1975, 10.

23. VIVES, 1942, 31. Peça da colecção do Museu de Évora (nº. de inventário 1725).



Figura 8.

Severus, ocorrida em 584<sup>24</sup> e a de um possível bispo, Julianus.<sup>25</sup>

As basílicas da Lusitânia apresentavam outro tipo de semelhanças: a presença de pias baptismais retangulares é comum a Casa Herrera (Badajoz), La Cocosa (Badajoz), S. Pedro de Mérida (Badajoz), Valdecaballeros (Badajoz), Alconetar (Caceres), Estói e Torre de Palma.<sup>26</sup> Embora o baptistério de Mértola nunca tenha sido encontrado podemos, e face a este contexto regional, colocar a hipótese de ter aí existido uma estrutura integrável naquela tipologia.

Templos de pequenas dimensões –cujo comprimento oscila entre os 19 m. da basílica de El Germe e os 31,5 m. da de Mértola–, destinavam-se a ser usados por comunidades de algumas centenas de crentes. Locais de oração, estas igrejas tiveram também uso generalizado como espaço mortuário ao longo de toda a Alta Idade Média. A basílica de Mértola, utilizada simultaneamente como local de culto e área funerária constitui um interessante exemplar, dos pontos de vista histórico e arqueológico, para o entendimento deste período.

#### PLANIMETRIA E ARQUITECTURA DA BASÍLICA DE MÉRTOLA

O desenho que nos foi legado por Estácio da Veiga e, sobretudo, os dados obtidos a partir da escavação, permitiram-nos avançar com propostas de reconstituição planimétrica da basílica. De

igual modo, é-nos possível apresentar, com fiabilidade, as medidas aproximadas do templo assim como proceder ao estudo de algumas das suas componentes (ábsides, naves, coro e acessos).

O sítio onde a basílica foi edificada, sobre um afloramento rochoso, não facilitou o trabalho de investigação. A ausência, em muitos locais, de qualquer estratigrafia arqueológica e o aproveitamento contínuo do estrato geológico não permitiu afinar cronologias e apresentar propostas interpretativas mais precisas.

Antes da sacralização do local, ocorrida em meados do século v, essa zona foi ocupada por uma necrópole de incineração, que deu lugar a um cemitério de inumação a partir de finais do século i. A conclusão é obtida através da leitura da planta desenhada no século xix por Estácio da Veiga,<sup>27</sup> completada pelo espólio recolhido numa sepultura destruída pelo abertura do caminho do hospital. Nada mais se sabe dessa antiga ocupação do sítio: a escavação realizada no Rossio do Carmo não forneceu qualquer elemento adicional que permitisse clarificar o que fôra registado em finais do século passado.

A zona do Rossio do Carmo tem uma longa tradição mortuária. A sua localização, fora da cidade e junto à principal via de ligação a Beja, apresenta características que favoreciam a instalação da «cidade dos mortos».

A necrópole estendia-se pela encosta até à zona da antiga ermida de Santo António, onde hoje se situa o Cine-Teatro Marques Duque. Neste local deveria localizar-se um outro templo. Nesse sentido apontam alguns dados recolhidos por Estácio da Veiga –sepulturas, epígrafes e um hipotético baptistério–, confirmados em explorações recentes. É provável que Estácio da Veiga tenha localizado a piscina baptismal, sem disso se ter dado conta. Numa passagem das *Memórias das Antiguidades de Mértola* é referido «um tanque com revestimento interno de cimento romano, medindo 2,32 m. de comprimento, 1,01 m. de largura e 0,69 m. de fundura, estando porém superiormente cortado».<sup>28</sup> Não é provável que se trate de uma piscina pertencente a um domicílio particular, ao contrário do que sustenta Veiga.

A antiga tradição mortuária daquela zona e uma mais que certa concentração do habitat no espaço urbano –a actual vila velha de Mértola– descarta a possibilidade da existência de qualquer

24. VIVES, 1942, 30.

25. VIVES, 1942, 31 e Correia, 1993, 77; fig. 47. Peça da colecção do Museu de Beja (n.º de inventário MRB 1.42).

26. CABALLERO, 1975, 71.

27. FERREIRA, 1965.

28. VEIGA, 1880, 121.





Figura 9.

*villa* ou outra estrutura habitacional fora do perímetro amuralhado.

Por outro lado, a descrição feita da piscina e a sua implantação (junto a esta segunda basílica) torna plausível a hipótese de, acidentalmente, se ter descoberto no século XIX parte de um baptistério que a nossa escavação não logrou localizar.

O fragmento de cancela exposto nesse núcleo e um dos capitéis do núcleo do castelo do Museu de Mértola<sup>29</sup> são provenientes deste sítio e constituem argumento de algum peso para sustentar a existência de uma outra basílica. Possivelmente mais pequena que a do Rossio do Carmo, delimitaria a Sul o cemitério da cidade.

### **Medidas da basílica**

O comprimento total da basílica –com as ábsides incluídas– rondaria os 31,50 m. no extra-

dorso, devendo o interior da igreja medir cerca de 29,90 m. As naves laterais teriam, na sua extensão máxima 23,80 m. A largura total do interior da basílica era de, aproximadamente, 16,00 m. (6,00 m. para a nave central, 4,40 m. para cada uma das laterais e 1,20 m. para os muros que delimitavam a nave central). Sendo a espessura de cada uma das estruturas exteriores da basílica de 0,80 m., a largura exterior do templo aproximar-se-ia dos 17,60 m. (figs. 4 e 5). As medidas apuradas na escavação apresentam uma ligeira discrepância com o mapa de Estácio de Veiga, o qual aponta para uma largura da nave central da ordem dos 6,60 m.

As propostas de planimetria e as dimensões da basílica tiveram por base a conjugação de diversos factores, reunidos em diferentes fases da escavação e permanentemente cotejados com a planta elaborada em finais do século XIX por Estácio de Veiga.

As ábsides destacar-se-iam, volumetricamente, do resto da basílica, devendo a sua altura ser levemente inferior à linha de cumeada da nave central. Cálculos estabelecidos a partir da altura das colu-

29. TORRES, 1992, 39. Peça da colecção do Museu de Mértola (n.º de inventário MR.CP. 0003)



Figura 10.

nas e das possíveis dimensões do segundo andar da nave central levam-nos a apontar como muito plausível uma altura de aproximadamente 5,60 m. para a nave central, de 5,30 m. para as ábsides e de 4,20 m. para as naves laterais.

A ábside Oeste foi referenciada através da escavação de dois pequenos troços do seu muro. A localização do limite Este da nave Sul permitiu-nos, por seu turno, estabelecer uma proposta para o comprimento da basílica.

Através da escavação do muro Norte do edifício, exumado ao nível dos seus alicerces numa larga extensão (16,45 m.), definiu-se ainda com rigor o vértice Nordeste da basílica, assim como o limite Este da nave Norte.

A largura do pórtico foi verificada através da descoberta *in situ* de uma base de coluna, peça arquitectónica que o integraria como elemento estrutural (fig. 6).

### ***Expansão da basílica***

O acentuado declive dos terrenos para Norte da basílica impediu o alargamento do templo nessa direcção. A necessidade de expandir o espaço

mortuário coberto pelo telhado da igreja levou a que, em época não especificada, se acrescentasse, na fachada Sul da igreja, um pequeno anexo ou, com maior probabilidade, um pórtico com 3,50 m. de largura. O comprimento do pórtico não foi determinado pelos trabalhos arqueológicos, tendo sido fixado apenas o seu limite a Este. Hipoteticamente, estender-se-ia ao longo das naves e mediria 23,80 m. de extensão.

A reconstrução que se apresenta para esta estrutura é justificada pela localização da base de coluna atrás mencionada, a partir da qual se elaborou uma proposta de implantação para as restantes estruturas do pórtico (fig. 5).

Totalmente ocupado por enterramentos na extensão que foi possível escavar este espaço coberto deve ainda ter contado com uma porta de acesso directo à igreja, embora não esteja provada nem seja obrigatória a sua existência. E-nos também desconhecida a evolução provocada pelas sucessivas ocupações do pórtico. Contínuos arranjos são perceptíveis em diversas sepulturas. Os vários enterramentos que acolheram obrigaram a constantes alterações no pavimento do pórtico.

Uma derradeira reformulação do local implicou a cobertura, com uma espessa camada de

*opus*, da base de coluna referenciada pela escavação. Não nos é, contudo, possível afirmar se se trata de um abandono definitivo do pórtico ou se uma nova colunata foi instalada sobre o novo pavimento.

### *Ábsides e naves*

Conforme anteriormente referimos, e devido à escassez de elementos, muitos aspectos referentes à planimetria e arquitectura da basílica permanecem por explicar.

As três naves da basílica foram identificadas, conforme vimos, apenas em pequenos troços, dos quais a musealização aproveitaria parte das naves Norte e central. O murete separador destas duas zonas e onde assentaram as colunas, foi detectado numa extensão de 20,50 m., tendo a musealização abrangido um troço que atinge os 17,10 m.

A nave central seria, segundo se pensa, mais alta que as laterais. Nos muros do segundo andar da nave central rasgavam-se janelas que a iluminavam directamente.

Os trabalhos arqueológicos e a documentação deixada por Estácio da Veiga permitiram também determinar, com segurança, o número de naves e tramos, assim como a presença de um coro.

Embora a ábside Este da basílica nunca tenha sido encontrada, a presença de um coro nessa zona não nos deixa dúvidas que ela efectivamente existiu e que o seu altar desempenhou um papel importante no contexto dos actos litúrgicos que tinham lugar na basílica.

A proposta de reconstituição semi-circular para essa ábside baseia-se, por seu turno, nos paralelos existentes com outras igrejas peninsulares e norte-africanas da mesma época.

### *Coro*

Desse coro é ainda hoje visível o seu sector norte. Construção aparentemente contemporânea da fundação da própria basílica, destinava-se a albergar uma parte do clero ou os leigos que participavam de forma activa, através da oração ou cânticos, na liturgia.

A parte do coro posta a descoberto pela escavação é constituída, neste caso, por um espaço rectangular, cujas medidas internas rondam os 6,50 m. de comprimento por 1,60 m. de largura –aproximadamente 10,50 m<sup>2</sup> de área.

Sobre a importância deste local não temos,

hoje, qualquer dúvida. Tratava-se de um sítio particularmente requerido para as inumações, sendo identificáveis nalguns locais diversos níveis de argamassagem do pavimento, correspondentes a outros tantos enterramentos.

Diversos arranjos e alterações modificaram, de forma sensível, este espaço em relação à sua organização primitiva. A mais significativa dessas intervenções parece ter sido o alargamento do muro Sul do coro. A estrutura inicial, que tinha 0,30 m. de largura, foi adossado um novo muro, aumentando para 0,60 m. a espessura da parede que delimitava o coro.

Esta alteração é, de forma evidente, posterior a algumas das inumações realizadas no coro, estando uma das sepulturas parcialmente coberta pelo novo muro.

O reforço do muro pode estar relacionado com a instalação de uma cancela, que assentaria nas estruturas do coro. Essa hipótese foi-nos sugerida pela presença de vários fragmentos arquitectónicos de cronologia tardo-romana que parecem ter sido readaptados para essa função.

Ainda neste espaço da basílica, é interessante notar a descoberta de um pequeno fragmento de pátera, em *terra sigillata* tardia, no qual se identifica uma pomba delicadamente incisa (fig. 7). Não restam grandes dúvidas sobre a utilização desta peça, certamente ligada à liturgia.

### *As entradas*

As escavações arqueológicas determinaram, igualmente, que um dos acessos ao templo era feito pela nave lateral Norte. A entrada por um dos lados da igreja é um procedimento muito comum na Alta Idade Média peninsular. A basílica de Mértola repete, neste pormenor, aquilo que se verifica noutros templos: citem-se os casos de Gerena, Bobalá, El Germo, Casa Herrera e Torre de Palma.<sup>30</sup>

O acesso à basílica estava marcado de forma evidente. Um maciço –com as medidas externas de 4,70 x 3,00 metros– destacava-se do muro Norte do edifício, sendo a entrada feita por uma porta com 1,20 m. de vão (fig. 8).

Os grossos muros que integram esta estrutura levam-nos a colocar a hipótese de a mesma ter tido funções portantes e de ter existido no local um pequeno torreão ou qualquer outra estrutura arquitectónica.

É ainda provável, conforme afirmámos ante-

30. FERNÁNDEZ, 1987, 187.

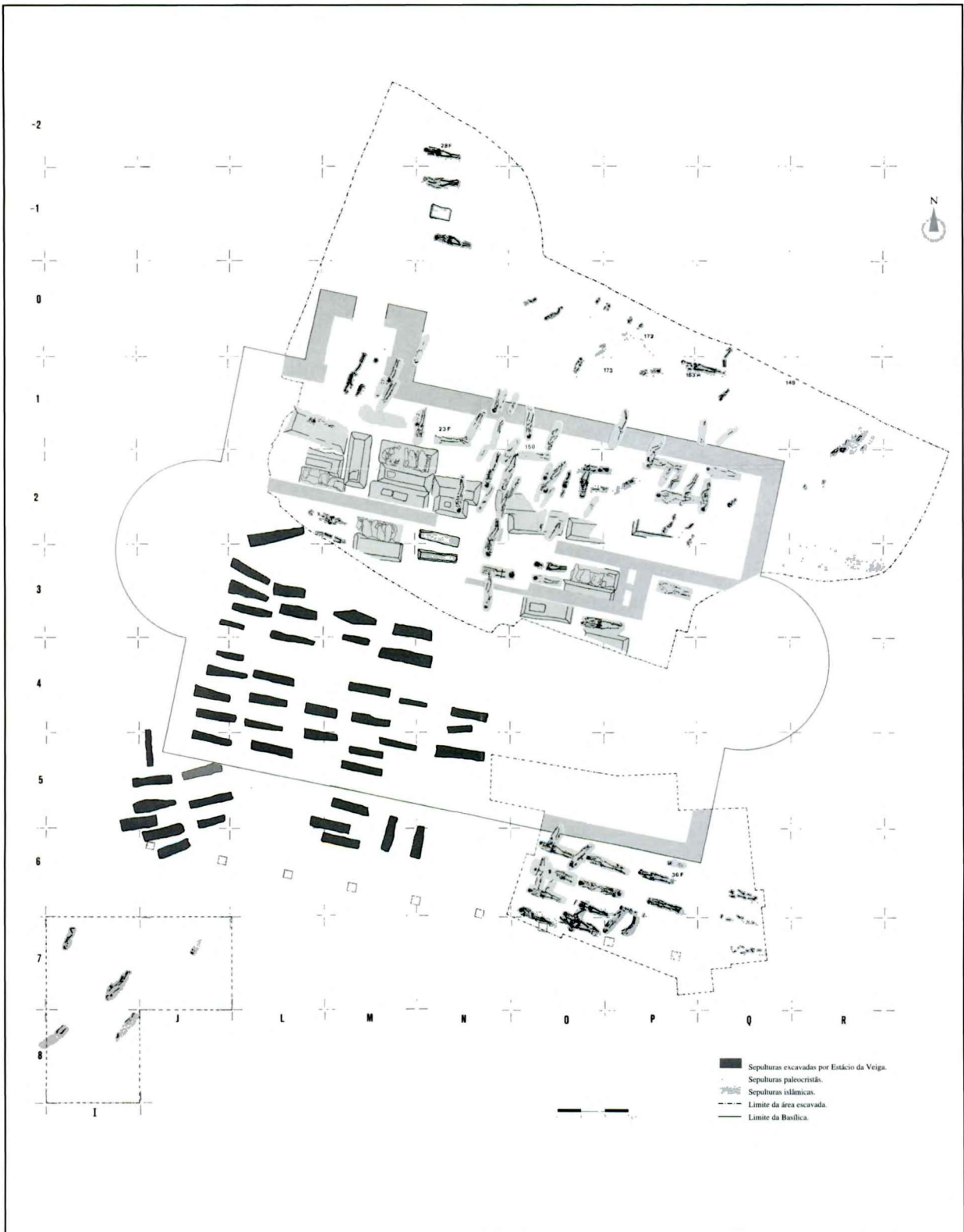


Figura 11.



Figura 12.

riormente, a existência de uma outra entrada. Localizada na fachada Sul da basílica, e virada para a cidade, constituía, talvez, o acesso principal ao templo.

### ***Estruturas e aparelhos***

Os muros da igreja identificados durante a intervenção arqueológica apresentam características muito semelhantes. Estruturas de pedra solidamente argamassadas e cobertas por um espesso reboco de cal, a sua construção data de um único momento.

No interior da basílica é perfeitamente legível o inter-colúnio o qual mede, em regra, 2,32 m., medida que diminui, sem razão aparente, para 2,30 m. apenas num local.

Do inter-colúnio identificaram-se, na escavação, sete plintos, dois dos quais conservam *in situ* as respectivas bases de coluna. As restantes bases hoje visíveis no local da escavação foram encontradas fora de contexto arqueológico ou

recolheram-se em casas de edificação recente situadas em redor da basílica. Não sofre, no entanto, contestação que estes materiais sejam daí provenientes e tenham sido dispersas pelas sucessivas devastações que o Rossio do Carmo sofreu ao longo dos tempos.

A regularidade com que a basílica está organizada e a ausência de alterações nas estruturas arquitectónicas apontam para a concretização de um programa construtivo concebido de raiz. O rigor geométrico com que as estruturas estão traçadas parece confirmar essa observação, sendo de supôr que a concepção e edificação do imóvel terá tido lugar num espaço de tempo relativamente curto.

Da cobertura encontraram-se durante a escavação abundantes vestígios depositados sobre o chão da basílica (fig. 9). O sistema de cobertura insere-se ainda numa tradição clássica de *tégulas e imbrices*, parecendo ter sido construído de raiz e com o recurso a poucos materiais reutilizados. Três telhados, de duas águas na nave central e de uma água em cada uma das laterais, cobriam a totalidade do espaço sagrado.

No que se refere ao pavimento, de *opus signinum*, apresenta um aspecto algo desgastado, fruto da passagem pelo local de várias gerações de crentes. Estes pavimentos viriam a ser progressivamente ocupados por sepulturas ao longo de dois séculos e meio, as quais cobriram na quase totalidade o espaço disponível.

### ***Fragmentos arquitectónicos***

Nos plintos dos muros interiores repousariam bases, fustes e capitéis vindos de outros locais e reaproveitados na edificação da basílica. Os materiais arquitectónicos recolhidos na própria escavação ou em zonas próximas não são utilizáveis como aferidores da época de construção do templo. Parece-nos pouco provável que nessa época se procedesse à encomenda de peças de arquitectura para estes edifícios, nos quais se empregaram, de forma sistemática, materiais de cronologia mais antiga e que foram reutilizados quando se edificou a basílica.

## **ENTERRAMENTOS PALEOCRISTÃOS DA BASÍLICA DE MÉRTOLA**

Apesar de ter sido prática corrente o enterramento dentro das igrejas ao longo de todo este período –regra à qual Mértola não seria



Figura 13.

excepção—, algumas constatações suplementares podem ser efectuadas em relação às práticas funerárias deste período. Os elementos recolhidos reportam-se não apenas às basílicas de dupla ábside, mas também a outro tipo de locais de culto e permitiram-nos verificar o seguinte:

1) A ausência absoluta de enterramentos na ábside Este, zona reservada ao altar principal.

2) A escassez de inumações na ábside Oeste: 0 casos em Mértola —de acordo com o desenho de Estácio da Veiga—, Vega del Mar e El Germe e apenas 7 em Casa Herrera.

3) O facto de se verificarem enterramentos dentro das igrejas —38 em Vega del Mar (número relativamente baixo no contexto da basílica), 30 em El Germe e 65 em Casa Herrera. Inumações no interior das basílicas registam-se também, por exemplo, em Sa Carrotxa (Balears),<sup>31</sup> El Gatillo (Caceres)<sup>32</sup> ou no Monte da Cegonha (Vidigueira).<sup>33</sup> Ainda que em menor número, são também assinaladas em Ibañerando.<sup>34</sup>

Em Gerena, no entanto, das 42 sepulturas registadas apenas 6 estão dentro do espaço de culto.

4) A concentração das sepulturas de crianças em zonas demarcadas —em El Germe situam-se junto aos muros exteriores da ábside principal,<sup>35</sup> ao passo que em Casa Herrera estão no interior da

ábside Oeste.<sup>36</sup> Em Mértola, contudo, não foi possível apurar elementos em relação a este aspecto particular.

Em Mértola, o desenho de Estácio da Veiga mostra uma densidade bastante grande de sepulturas no interior da basílica —ainda que aparentemente em menor número na nave central—. De um total de 52 inumações, são legíveis 20 na nave Sul, 15 na nave central e 17 no exterior da igreja. A zona Norte da basílica não foi, aparentemente, alvo de qualquer atenção por parte desse arqueólogo, não se apresentando qualquer localização de sepulturas nessa área.

A escavação realizada ao longo da última década encarregou-se de demonstrar amplamente esses dados, com o surgimento dos pavimentos da basílica cheios de sepulturas (figs. 10 e 11): 20 na nave Norte e 12 na central. Destas, duas tinham sido localizadas por Estácio da Veiga, estando referenciadas com os números 21 e 23 do mapa deste arqueólogo. Situadas junto à interrupção do intercolúnio —local de comunicação entre as naves— foram re-escavadas em 1981 pela equipa do C.A.M.). Quatro situavam-se no interior do coro Norte, o que pode pressupor algum privilégio na inumação, ao passo que duas estão implantadas no meio da nave central, na zona de acesso ao altar. Uma destas pertencia a um presbítero, Possidonius, o qual viveu em Mértola nos inícios do século VI, tendo falecido em 550 da era de César (512 d.C.). A localização desta sepultura, bem perto da ábside principal, poderá estar ligada à importância do cargo de que era detentor no contexto da igreja local.

Finalmente, a última campanha de escavações realizada no local, em 1990, permitiu localizar 12 inumações na área do pórtico, às quais se juntaram 3 sepulturas a Este desta estrutura (fig. 12). Este último conjunto de inumações situar-se-ia, segundo pensamos, junto à ábside principal da basílica.

### *Interditos conciliares*

A persistência de inumações no interior da basílica ao longo dos séculos V, VI e VII pode, de alguma forma, fazer supor uma intensa procura de um espaço privilegiado, e longe dos efeitos maléficis, para a inumação dos corpos. As proibições conciliares de realizar enterramentos no interior das igrejas não terá tido grandes efeitos práticos: não só o caso da própria basílica demonstra abun-

31. PALOL, 1967, 13-15 e fig. 3.

32. CABALLERO, 1989, fig. 2.

33. ALFENIM, s.d.

34. CERRILLO, 1983, fig. 4.

35. ULBERT, 1971, 162.

36. CABALLERO, 1975, 42.



Figura 14.

dantemente o contrário, como há testemunhos directos da situação –no século VII Julião de Toledo fala da persistência deste costume, ao afirmar o desejo dos fiéis em fazer-se sepultar *apud memorias martyrum*.<sup>37</sup> Refira-se, ainda, que a celebração de missas pelos defuntos só era permitida dentro das basílicas ou junto às relíquias dos mártires e não fora daí (cânone LXVIII de Braga II - 572).<sup>38</sup>

No caso de Mértola verifica-se a continuação, numa época tardia, da tradição de inumar os corpos no interior das igrejas, embora tal prática tivesse sido expressamente proibida pelo cânone XVIII do concílio de Braga de 561.<sup>39</sup> É de supor que os eclesiásticos tivessem, nesse contexto, particulares privilégios, conforme o parece demonstrar o exemplo, atrás citado, do presbítero Possidonius.

Embora se possa argumentar que a maior parte das lápides datadas é anterior ao concílio de Braga, temos oito exemplos de epígrafes posteriores a esse ano, tendo uma delas (a de Antonia) sido encontrada *in situ*, na nave lateral Norte. Por outro lado, os pavimentos deste templo estão completamente preenchidos por enterramentos e mostram bem a *função* funerária desempenhada pelo edifício ao longo de toda a Alta Idade Média.

As inumações encontradas *in situ* no interior da basílica de Mértola apresentam um interessante ponto de ligação entre si. Datam, maioritariamente, da primeira metade do século VI –Pierius (507), Possidonius (512), Aianes (524), Leopardus (525), Festellus (527), Cyprianus (537), Vincentius (556), Antonia (571)–, o que poderá sugerir que ao longo desse lapso de tempo ainda havia espaço disponível no interior da igreja, possibilitando nesse local as inumações daqueles que estavam em condições de pagar um troço de chão sagrado.

Constata-se, ainda, que das 40 lápides datadas de Mértola referenciadas por Maria Manuela Alves Dias,<sup>40</sup> 31 (cerca de 75%) pertencem ao século VI e que 24 (60%) foram gravadas na primeira metade dessa centúria. Parece, assim, possível que a ocupação do solo da basílica ao longo de 100 anos tenha deixado pouco espaço disponível para a colocação de novas lápides nos anos subsequentes: registam-se apenas 2 epígrafes datadas do século VII e 1 do século VIII.

Esta proposta de explicação para uma grande concentração de epígrafes num determinado período não obsta que o interior da basílica tenha continuado a ser utilizado, de forma permanente, como local de enterramento. Conforme se sabe, a prática das inumações múltiplas era corrente. Certamente mais comum em zonas mais próximas do altar e do coro, é também verificável noutras áreas da basílica –refiram-se, por exemplo, as lápides de Pierius e Vincentius colocadas na mesma sepultura e que pertencerão, hipoteticamente, a dois membros do mesmo clã familiar.

A basílica de Mértola foi utilizada como espaço funerário pelo menos até aos princípios do século VIII, época em que ainda se verificam enterramentos no local. A última lápide conhecida, correspondente ao presbítero *Afranius*, data do ano 706 d.C.

### Tipologias das sepulturas

As sepulturas paleocristãs de Mértola pertencem a um único tipo: fossas escavadas na rocha e cobertas por simples lages de xisto, cujas medidas médias rondam, para cada cova, 1,80 m. de comprimento, 0,40 m. de largura e 0,55 m. de profundidade. Possuíam, frequentemente, pequenos muros em pedra interiores. Noutros casos a sepultura era revestida interior e exteriormente por uma camada de *opus*, sendo os enterramentos mais importantes completados por uma inscrição gravada sobre uma lage de mármore.

A argamassa que cobria as sepulturas era também, por vezes, decorada com *tesselas*. O uso dos mosaicos sepulcrais, muito comuns no Norte de África, parece ter-se difundido posteriormente para as Baleares<sup>41</sup> e para a Península Ibérica, onde são referenciados sobretudo na Tarraconense.<sup>42</sup> Na

37. PUERTAS, 1975, 153.

38. VIVES, 1963, 102.

39. VIVES, 1963, 75.

40. Informação pessoal da investigadora.

41. PALOL, 1967, 323-325.

42. PALOL, 1967, 325-331.

cobertura de uma das sepulturas da necrópole de Mértola (28 F), situada no exterior da basílica, junto à porta de entrada, recolheu-se um pequeno número de *tesselas*. Situada no caminho de acesso à basílica, e em zona próxima a uma das entradas, sofreu durante longo tempo os efeitos da constante passagem de pessoas, bem visível no desgaste que as *tesselas* apresentam.

Na sepultura 23 F (nave Norte da basílica) identificaram-se também algumas *tesselas* pertencentes a um desses mosaicos. Junto a outras inunicações (172 e 173) foi também recolhido material do mesmo tipo, embora não tivesse sido possível determinar a sua conexão com qualquer mosaico sepulcral. Surgem ainda, em vidro ou calcário, dispersas em toda a zona Norte da basílica, embora na maior parte dos casos sem qualquer ligação comprovada com os enterramentos. A falta de elementos não permitiu saber a extensão destes mosaicos sepulcrais ou a sua cronologia, razão que nos impede de proceder a um estudo mais aprofundado sobre as possíveis influências sofridas neste âmbito em Mértola.

### *Sepulturas privilegiadas*

A importância dada à sepultura e em particular à conservação do corpo no túmulo, embora desvalorizada por Sto. Agostinho, permaneceu para a Cristandade da época como factor extremamente importante para a Ressurreição.<sup>43</sup>

O uso de sarcófagos, tradição antiga, devia estar reservado a gente importante, por questões de hierarquia ou fortuna. Os escassos exemplos referenciados são de bispos ou santos.<sup>44</sup>

A inumação procura-se sempre, preferencialmente, junto das chamadas *sepulturas privilegiadas* - sepulturas ou cenotáfios expostos ao público na nave central de uma igreja, protegidos fisicamente por uma barreira, mas que não impedem a circulação na nave.<sup>45</sup> Tratava-se, nalguns casos, de relíquias - basílica da necrópole noroeste de Timgad<sup>46</sup> ou de hipotéticas sepulturas de santos - como na basílica de Santa Salsa, em Típara.<sup>47</sup>

Sublinhe-se ainda que este tipo de inumação, a qual frequentemente surgia ligada a essas estruturas arquitectónicas de apreciáveis dimensões foi

bastante comum no Norte de África,<sup>48</sup> não se encontrando na Espanha paleocristã nenhum local que respeite os requisitos necessários para que se registre a existência de uma sepultura privilegiada no interior de uma igreja.<sup>49</sup>

O concílio IX de Toledo (655) assinala ainda o caso de bispos que construíam igrejas para dedicá-las expressamente para sua sepultura. Quando não as construíam, os bispos faziam-se enterrar em basílicas dedicadas a mártires.<sup>50</sup> Os mártires, por seu turno, eram enterrados em igrejas já existentes ou especialmente erigidas para esse efeito.<sup>51</sup>

Ainda que a utilização de todas estas basílicas como local de inumação seja um facto inquestionável, não nos é possível, por só termos informações parcelares sobre a organização do espaço da basílica de Mértola, afirmar ou negar a existência nesta necrópole de inunicações *ad sanctos*, embora seja possível que tenham existido. Ainda que nada nos permita confirmar a presença em Mértola das relíquias de um santo, era hábito a edificação de *memoria martyrum* - construções sepulcrais construídas em honra dos mártires-, dentro das igrejas. É ainda possível - mas não provado - que a privilegiada posição de Mértola e a facilidade com que se estabeleciam contactos a partir da cidade com outras regiões tenha feito com que aí chegassem relíquias de santos.

É interessante notar o elevado número de eclesiásticos enterrados no perímetro da basílica de Mértola. As lápides referenciadas registam oito presbíteros e ainda a presença de um *ostiarius* (porteiro), um *princeps cantorum* (primeiro cantor), um leitor de origem grega, um possível subdiácono e uma religiosa.

A presença constante de presbíteros, cargo importante no contexto da hierarquia religiosa, reveste-se de um particular interesse. Por um lado, porque as condições exigidas para o preenchimento do cargo nos permite inferir a existência na cidade de uma elite social de peso; por outro, porque manifesta bem o empenho dos eclesiásticos em fazer-se inumar dentro ou junto da basílica.

### *Ritos funerários*

O rito funerário é, nas necrópoles desta época (século VI-VII), quase sempre o mesmo: a inu-

43. DUVAL, 1988.

44. PUERTAS, 1975, 137.

45. DUVAL, 1982, 187.

46. DUVAL, 1982, 190.

47. DUVAL, 1982, 195.

48. DUVAL, 1988, 51-98.

49. DUVAL, 1986, 27-28.

50. PUERTAS, 1975, 153.

51. PUERTAS, 1975, 153.



mação praticava-se em túmulos construídos com blocos de pedras, onde o cadáver era depositado após ter sido transportado até ao local dentro de um esquife. A orientação das sepulturas é também idêntica em todos os cemitérios escavados: os corpos estão colocados em decúbito dorsal (com os braços normalmente ao longo do corpo), com a cabeça a Oeste. As sepulturas paleocristãs de Mértola têm quase todas esta orientação. As únicas excepções foram provocadas pela falta de espaço, o que obrigou à abertura de covas e à deposição dos corpos com outra orientação.

As inumações paleocristãs, além de conterem por vezes algum espólio cultural de tradição pagã –lacrimários e pequenos recipientes para alimentos ou perfumes– dispunham o corpo com a cabeça a poente de forma a que este pudesse olhar o Sol nascente no dia do Juízo Final. As jarrinhas, independentemente do seu conteúdo, traduzem a necessidade de ajudar o defunto no seu percurso além-túmulo.<sup>52</sup> Estácio da Veiga, por seu turno, regista, numa das sepulturas encontradas perto da ermida de Santo António, «uma defeza de cabra», objecto de protecção do corpo ligado a antigas superstições.<sup>53</sup>

O aparecimento deste tipo de recipientes nas sepulturas deste período é bastante frequente, embora no caso de Mértola tenham apenas sido encontrados dois exemplares *in situ*.

Devido às condições específicas de ocupação do local ao longo dos séculos, não foi também possível o estabelecimento de uma correlação fiável entre os escassos materiais exumados e as sepulturas. Recorde-se, a título de exemplo, que a única fivela encontrada (datada do século VI-VII) surgiu fora de contexto, pelo que não forneceu qualquer informação suplementar.

Os enterramentos de Mértola são perfeitamente omissos quanto ao costume do pagamento do óbolo a Caronte (através da colocação de uma moeda na mão ou na boca de defunto), corrente na época, bem como à prática do banquete ritual, tradição que a Igreja condenou através do cânone LXXIX do concílio de Braga de 572 –não era permitido levar alimentos aos túmulos dos defuntos nem oferecer sacrifícios em honra dos mortos.<sup>54</sup>

## CRONOLOGIA DA BASÍLICA DE MÉRTOLA

A datação destes monumentos tem sido alvo

de discussão generalizada. A cronologia das basílicas de Torre de Palma e Casa Herrera aponta para os finais do século V ou primeira metade do século VI,<sup>55</sup> época de construção próxima da apontada para Mértola. El Germeo, monumento mais tardio, não será anterior aos princípios do século VII.<sup>56</sup>

A própria datação da basílica de Mértola pode constituir, à partida, tema para discussão. Normalmente considerada como construção dos séculos VI ou VII, parece também razoável a atribuição de uma cronologia mais antiga, hipótese reforçada por duas ordens de factores:

– A primeira reside na existência, nesta área, de uma extensa necrópole romana de inumação, cujo tempo de utilização poderá oscilar entre o século I e o início do século V. Este cemitério é, aparentemente, contemporâneo de um outro, situado na Achada de S. Sebastião e que foi escavado pela equipa do C.A.M. em 1992.<sup>57</sup> É bem provável, aliás, que esses dois antigos cemitérios romanos subsistissem ainda como local de enterramento à data em que se verificaram as primeiras inumações cristãs no Rossio do Carmo.

– A segunda tem a ver com a data da mais antiga lápide funerária até hoje recuperada nos terrenos da basílica: trata-se de um epitáfio do ano 462 d.C., do qual se conserva um fragmento no Museu Nacional de Arqueologia.

A improbabilidade de se registarem inumações com registo epigráfico antes de se ter construído no local uma igreja e o facto, arqueologicamente comprovado em Mértola, de todos os enterramentos cristãos respeitarem de forma rigorosa as estruturas arquitectónicas da basílica parece não deixar dúvidas acerca do momento em que a basílica foi erigida. Quer isto dizer que a construção desta igreja será um pouco anterior a 462 d.C., situando-se, provavelmente, em volta de meados do século V, cronologia ainda assim mais tardia que as datações normalmente atribuídas aos monumentos norte-africanos do mesmo tipo.

Embora seja possível argumentar que algumas das lápides mais antigas de Mértola possam ser provenientes doutro local que não necessariamente o Rossio do Carmo, não parece provável que tal tenha sucedido. A concentração de materiais paleocristãos registados, desde o século passado, em torno do espaço da basílica invalida, de forma categórica, tal hipótese.

52. FÉVRIER, 1987, 917.

53. VEIGA, 1880, 120.

54. VIVES, 1963, 102.

55. CERRILLO, 1978, 11.

56. ULBERT, 1971.

57. LOPES, 1993.

Sublinhe-se ainda que a constatação de uma cronologia mais antiga na basílica de Mértola que noutros templos peninsulares pode também relacionar-se com os fortes laços económicos que ligavam ao tempo a Lusitânia e a África Proconsular, relacionamento que iria perdurar e ser fortalecido ao longo do período islâmico.

O abandono do local não se deve ter verificado de forma súbita. Embora seja identificável, do ponto de vista arqueológico, um estrato de destruição perfeitamente nítido (com abundantes vestígios do telhado sobre o pavimento) é possível que, logo no início do período islâmico, o local tenha servido como zona funerária (fig. 13). Algumas das sepulturas islâmicas (localizadas no mesmo nível arqueológico das paleocristãs)<sup>58</sup> apresentam com estas fortes semelhanças do ponto de vista construtivo. Outras assentavam sobre o derruído telhado da basílica, edifício que teria entretanto sido abandonado.

O Rossio do Carmo continuaria a ser utilizado como área mortuária ao longo de todo o período islâmico (fig. 11).

Uma certa continuidade entre os mundos paleocristão e islâmico é também evidente a outros níveis. Numa epígrafe paleocristã –incompleta e não datada– são identificáveis duas aves do paraíso com cauda de pavão (fig. 14). Este motivo decorativo de origem oriental virá a constituir um dos temas mais utilizados na cerâmica «verde e manganés», fabricada ao longo do período califal e largamente difundida em todo o al-Andalus.

Os motivos vegetalistas da lápide, registados com algum realismo (a ponto de pensarmos que estamos perante representações de pinhas ou alcaçofras), são também identificáveis em decorações do período islâmico.

Em relação às tipologias construtivas pouco se pode adiantar, embora a semelhança de aparelhos verificada em toda a Península aponte tanto para a prática de técnicas comuns em todo o território como para uma capacidade económica muito semelhante entre si por parte dos encomendadores das obras.

## CONCLUSÃO

A tradição do mundo romano de proceder à inumação dos mortos fora do espaço urbano, junto às estradas, prolongar-se-ia nos períodos paleo-

cristão e islâmico. A chegada a qualquer povoado era sempre precedida pela passagem pela cidade dos mortos, área de maiores ou menores dimensões que ficava completamente separada, do ponto de vista físico, do mundo dos vivos.

Uma antiga necrópole de incineração parece ter-se localizado no Rossio do Carmo. O início das inumações na zona representa uma mudança radical na atitude perante a morte, embora não se possa precisar quando é que a mudança de funções do local teve início. A necrópole cristã é, com toda a probabilidade, posterior à construção da basílica. Em favor última hipótese está o facto de nenhum dos enterramentos paleocristãos interferir com as estruturas da igreja.

A construção da basílica teve, provavelmente, lugar em meados do século V, tendo mantido as suas funções litúrgicas e funerárias até aos inícios do século VIII.

A basílica de Mértola terá tido como modelo próximas edificações do mesmo tipo existentes na África Proconsular (actual Tunísia), hipótese admissível face à persistência de contactos mantidos entre as duas regiões.

É sabido que Mértola, como cidade portuária e entreposto mercantil, manteve contactos ao longo do período medieval, com todo o mundo mediterrânico. A presença de uma comunidade de origem greco-bizantina (a qual diria sobretudo respeito à classe de mercadores da vila), que incluía membros originários da Líbia, dá-nos uma imagem razoável da dimensão de contactos que a cidade mantinha.

A própria onomástica confirma, nalguns casos –como o de *Leopardus*, a existência dessas relações. Noutras ocasiões, e embora alguns nomes das lápides de Mértola sejam igualmente comuns no Norte de África –como os de *Cyprianus*, *Donata*, *Faustianus*, *Fortunata*, *Rufina*, *Silbanus* ou *Vincentius*–<sup>59</sup> a sua origem é certamente local ou regional.<sup>60</sup>

Parece também interessante sublinhar que a ocupação do interior do espaço sagrado por enterramentos se concentra na primeira metade do século VI. O espaço livre foi rapidamente ocupado, certamente pelos membros mais abastados da comunidade e por aqueles que pertenciam ao clero ou a ele estavam de algum modo ligados.

A procura de um local privilegiado da inumação constitui prática corrente a partir da Alta Idade Média. As zonas mais perto do altar e da

58. Cf. a sepultura n.º 30.

59. DUVAL, 1975, 401-404.

60. DIAS, 1984.

ábside são, normalmente, as mais requisitadas. A protecção do espaço sagrado era tão importante que levava à ocupação de todas as zonas disponíveis. A basílica de Mértola é bem exemplo disso, ao apresentar todos os pavimentos do espaço de culto cobertos por enterramentos.

A ocupação do local como igreja e necrópole cristã manter-se-ia até ao período islâmico. O abandono e posterior destruição da basílica encontra-se perfeitamente atestada pelos enterramentos do cemitério islâmico, se bem que não seja possível apresentar uma proposta de cronologia para esses acontecimentos. Frequentemente realizados sobre o derruído telhado da basílica, os enterramentos islâmicos constituem testemunho da permanência da tradição mortuária do Rossio do Carmo e, também, de paralelos culturais entre duas civilizações.

## BIBLIOGRAFIA

- ALFENIM, RAFAEL, s.d. *A basílica paleocristã e visigótica do Monte da Cegonha (Vidigueira)*, policop.
- ALMAGRO BASCH, MARTÍN, 1975. *La necrópolis hispano-visigoda de Serobriga (Saelices)*, Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia.
- ALMEIDA, CARLOS ALBERTO FERREIRA DE, 1986. *Arte da Alta Idade Média* in *História da Arte em Portugal*, vol. 2, Lisboa, Publicações Alfa.
- ALMEIDA, FERNANDO DE, 1962. *Arte visigótica em Portugal*, Lisboa.
- BARROCA, MÁRIO, 1987. *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho*, Porto (dactil.).
- CABALLERO ZOREDA, LUIS E ULBERT, Thilo, 1975. *La basílica paleocristiana de Casa Herrera en las cercanías de Mérida (Badajoz)*, Madrid, Ministerio de Educación y Ciencia.
- CABALLERO ZOREDA, LUIS 1989. Pervivencia de elementos visigodos en la transición al mundo medieval. Planteamiento del tema in *Actas del III Congreso de Arqueología Medieval Española*, vol. I, Universidad de Oviedo, pp. 111-134.
- CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES, ENRIQUE, 1978. *Las construcciones basilicales de épocas paleocristiana y visigoda en la antigua Lusitania* (resumen de la tesis presentada para aspirar al grado de Doctor en Filosofía y Letras), Salamanca, Universidad de Salamanca.
- CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES, ENRIQUE, 1983. *La basílica de época visigoda de Ibahernando*, Cáceres, Diputación Provincial de Cáceres.
- CERRILLO MARTÍN DE CÁCERES, ENRIQUE, 1989. El mundo funerario y religioso en época visigoda in *Actas del III Congreso de Arqueología Medieval Española*, vol. I, Universidad de Oviedo, pp. 89-110.
- CORREIA, FERNANDO BRANCO, 1993. *Catálogo* in Museu Regional de Beja - núcleo visigótico, Beja, Assembleia Distrital / Museu Regional.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES, 1987. Fragmentos de um epitáfio do século V in *Ficheiro Epigráfico*, n.º 21, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES, 1987a. A inscrição funerária paleocristã de Silbanus in *Ficheiro Epigráfico*, n.º 21, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES *et al.*, 1984. Cinco novos epitáfios paleocristãos de Mértola in *Ficheiro Epigráfico*, n.º 9, Universidade de Coimbra, pp. 3-13.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES *et al.*, 1992. O epitáfio paleocristão de Festellus (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, n.º 41, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES *et al.*, 1992. O epitáfio paleocristão de Leopardus (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, n.º 41, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES *et al.*, 1992. Fragmentos do epitáfio paleocristão de Stefanus (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, n.º 41, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES *et al.*, 1992. Fragmentos de um epitáfio grego paleocristão (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, n.º 41, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES *et al.*, 1992. *Epitáfio grego paleocristão (Mértola)* in «Ficheiro Epigráfico», n.º 42, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES *et al.*, 1992. Pequeno fragmento de epitáfio grego paleocristão (Mértola) in *Ficheiro Epigráfico*, n.º 42, Universidade de Coimbra.
- DIAS, MARIA MANUELA ALVES *et al.*, 1993. «Epigrafia» in *Museu de Mértola-Basílica Paleocristã*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 102-138.
- DUVAL, NOËL, 1973. *Eglises africaines à deux absides*, 2 vols., Paris.
- DUVAL, NOËL, 1975. *Recherches archéologiques à Haïdra. I - Les inscriptions chrétiennes*, Roma, École Française de Rome.
- DUVAL, NOËL, 1982. *Recherches archéologiques à Haïdra. II - La basilique I dite de Saint Melléus ou de Saint-Cyprien*, Roma, École Française de Rome.
- DUVAL, NOËL, 1986. «L'inhumation privilégiée» en Tunisie et en Tripolitaine in *L'inhumation privilégiée du IV<sup>e</sup> au VIII<sup>e</sup> siècle en Occident*, Paris, De Boccard, pp. 25-42.
- DUVAL, YVETTE, 1982. *Loca sanctorum africae. Le culte des martyrs en Afrique du IV<sup>e</sup> au VII<sup>e</sup> siècle*, 2 vols., École Française de Rome.
- DUVAL, YVETTE, 1988. *Auprès des saints - corps et âme. L'inhumation «ad sanctos» dans la chrétienté d'Orient et d'Occident du III<sup>e</sup> au VII<sup>e</sup> siècle*, Paris, Études Augustiniennes.
- FERNÁNDEZ GOMEZ, FERNANDO *et al.*, 1987. La basílica y necrópolis paleocristiana de Gerena (Sevilla) in *Noticiero Arqueológico Hispánico*, n.º 29, Madrid, pp. 103-199.
- FEROTIN, MARIUS, 1904. *Le Liber Ordinum en usage dans l'église wisigothique et mozarabe d'Espagne*, Paris, Librairie de Firmin-Didot.
- FERREIRA, FERNANDO B., 1965. Uma planta arqueológica do Rossio do Carmo em Mértola in *Revista de Guimarães*, vol. LXXV, pp. 59-72.
- FÉVRIER, PAUL-ALBERT, 1986. Tombes privilégiées en Mauretanie et Numidie in *L'inhumation privilégiée du IV<sup>e</sup> au VII<sup>e</sup> en Occident*, Paris, De Boccard, pp. 13-23.
- FÉVRIER, PAUL-ALBERT, 1987. La mort chrétienne in *Settimane di studio del Centro Italiano di Studi sull'Alto Medioevo*, XXXIII, vol. II, Spoleto, pp. 881-942.
- LOPES, VIRGÍLIO *et al.*, 1993. A necrópole e ermida da Achada de S. Sebastião em Mértola in *Arqueologia Medieval*, n.º 2, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola/Edições Afrontamento.
- MACIAS, SANTIAGO, 1992. A basílica paleocristã e as necró-

- poles paleocristã e islãmica de Mértola: aspectos e problemas in *XXXIX Corso di cultura sull' arte ravennate e bizantina*, Ravenna, Edizione del Girasole, pp. 401-434.
- MOLINERO PEREZ, ANTÓNIO, 1948. La necrópolis visigoda de Duraton (Segovia) in *Acta Arqueológica Hispánica*, vol. IV, Madrid.
- PALOL, PEDRO DE, 1967. *Arqueología cristiana de la España romana*, CSIC, Madrid.
- PALOL, PEDRO DE, 1972. Los monumentos de Hispania en la arqueología paleocristiana in *Actas del VIII Congreso Internacional de Arqueología Cristiana*, CSIC. Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 167-185.
- PEREZ DE BARRADAS, JOSÉ, 1933. Excavaciones en la necrópolis visigoda de Vega del Mar (S. Pedro de Alcántara - Málaga) in *Memorias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, n°. 128, Madrid.
- PUERTAS TRICAS, RAFAEL, 1975. *Iglesias hispánicas (siglos IV al VIII) - testimonios literarios*, s.l., Ministerio de Educación y Ciencia.
- PUERTAS TRICAS, RAFAEL; POSAC MON, CARLOS, 1989. *La basílica paleocristiana de Vega del Mar*, Málaga, Diputación Provincial.
- SOTOMAYOR, MANUEL, 1982. Reflexión histórico-arqueológica sobre el supuesto origen africano del cristianismo hispano in *II Reunió d'Arqueologia Paleocristiana Hispànica*, Barcelona, Institut d'Arqueologia i Prehistòria, pp. 11-29.
- TORRES, CLÁUDIO *et al.*, 1992. *Museu de Mértola - núcleo do castelo (catálogo)*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- ULBERT, THILO, 1971. El Germe - una basílica y un edificio profano de principios del siglo VII in *Boletín de la Real Academia de Córdoba*, n°. 91, Córdoba, pp. 149-186.
- VEIGA, SEBASTIÃO ESTÁCIO DA, 1880. *Memória das Antigüedades de Mértola*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- VIVES, JOSÉ, 1942. *Inscripciones cristianas de la España romana y visigoda*, CSIC. Barcelona.
- VIVES, JOSÉ, 1963. *Concilios visigóticos e hispano-romanos*, CSIC. Madrid-Barcelona.